



Ciências na Aldeia Indígena: análise do desenvolvimento do projeto de extensão envolvendo o IFSC – Araranguá e a comunidade Guarani de Torres-RS

Ana Paula Pruner de Siqueira¹ – ana.pruner@ifsc.edu.br

RESUMO

O presente trabalho pretende relatar o desenvolvimento do projeto de extensão denominado “Ciências na aldeia indígena”. Nesse projeto os alunos do Curso de Licenciatura em Física realizaram três aulas de ciências na escola da aldeia indígena de Torres-SC. A intenção do projeto foi auxiliar no processo de ensino-aprendizagem na aldeia indígena e também na formação dos futuros docentes em Física. Os alunos desenvolveram em sala de aula seus planos de ensino que focaram a temática da luz e organizaram os recursos didáticos e os experimentos que foram aplicados na aldeia.

PALAVRAS-CHAVE

Formação docente; Aulas de ciências; Comunidade indígena.

ABSTRACT

This paper intends to report the development of an extension project called “Science in the Indian village.” In this project the students majoring in Physics conducted three science classes in school the indigenous village of Torres-RS. The design intent is both to assist in the teaching-learning process in the indigenous village and in training future teachers in Physics. Students developed their classroom lesson plans that focused on the theme of light and organized teaching resources and experiments.

KEYWORDS

Teacher training; Science classes, indigenous community.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Introdução

No segundo semestre de 2013, três alunos da unidade curricular Cultura e Sociedade do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá, estabeleceram contato com o grupo indígena existente na cidade de Torres, Rio Grande do Sul, visando conhecer outras culturas e formas de organização social. A partir do primeiro encontro e conversa com o professor indígena e o cacique, ficou determinado que os alunos desenvolveriam atividades na comunidade com o objetivo de lecionar ciências aos alunos da escola indígena, bem como auxiliar na formação do professor da aldeia, estabelecendo-se assim o projeto de extensão “Ciências na aldeia indígena”.

Tal projeto visa enriquecer de maneira significativa a formação acadêmica dos estudantes, visto que os estágios curriculares geralmente focam as escolas de ensino regular no meio urbano, restringindo a experiência docente dos alunos a essas instituições. Além disso, fomentar atividades em outras realidades é significativo para agregar conhecimentos e novas estratégias de ensino, estimular esses futuros docentes a trabalharem em comunidades de vulnerabilidade social e com heranças culturais distintas.

Assim, o objetivo central do projeto foi capacitar professores e futuros professores do ensino básico visando à aprendizagem dos alunos que hoje se encontram nas margens dos processos educacionais. Este relato apresenta o desenvolvimento do projeto e suas principais contribuições.

O primeiro encontro

A reserva indígena guarani escolhida foi Campo Bonito ou o seu nome correlato em guarani “nhuúporã” que localiza-se às margens da BR-101, no Bairro São Brás em Torres-RS. O contato inicial deu-se por meio da pedagoga Jane Delacorte, a qual desenvolve há anos trabalhos pedagógicos com os mesmos. A aldeia encontra-se na localidade em virtude da duplicação da estrada.

Existem aproximadamente 100 pessoas vivendo na localidade, a qual não é considerada ideal pelos indígenas para desenvolverem atividades agrícolas. No momento do primeiro encontro, a escola estava situada em um galpão de madeira, com mobiliário antigo e pouco material escolar. Os alunos indígenas frequentavam a escola somente até o quinto ano do ensino regular. Depois, encaminhavam-se para a escola pública mais próxima, o que significava aproximadamente 40 minutos de caminhada. Salienta-se ainda a dificuldade de adaptação em função do choque cultural com os não indígenas.

O professor indígena era o único a lecionar e foi indicado pelo grupo ao cargo em virtude de sua postura e de seus bons exemplos. Sua formação acadêmica encerrava-se na oitava série, mas com sua nova função mencionou que pretende retornar aos estudos. O acesso a recursos tecnológicos na comunidade era extremamente limitado, sendo restrito a poucos membros o acesso à luz, televisão e celular. O acesso a Internet e computador até então não existia.

Após a visita e o debate sobre as necessidades específicas e os interesses daquela comunidade escolar, iniciou-se o processo de construção e elaboração das atividades e planejamento das aulas. O tema escolhido foi a “luz”. Como a ideia das aulas era que estas poderiam acontecer novamente sem a presença dos alunos do IFSC, foram elaborados os planos de ensino e o roteiro de atividades e experimentos e entregues ao professor indígena, tornando-os aptos a participarem da primeira aula.

A prática docente com os alunos indígenas

Diversos motivos já foram apresentados sobre a importância das aulas na reserva indígena em questão. Além disso, em termos de fundamentação teórica, esse projeto teve como objetivo auxiliar na aprendizagem dos alunos sobre questões relativas à prática docente e ao processo de ensino-aprendizagem. Nas aulas, discutiu-se como a cultura da comunidade foca influencia

no ensino, na organização escolar, nas práticas pedagógicas e na relação aluno-professor, entre outros temas.

Em âmbito geral, os estágios docentes geralmente acontecem nas mesmas escolas, urbanas e centrais. Assim, dificilmente os alunos têm contato com outras formas de organização social e, por consequência, com outras formas de organização escolar.

Na reserva indígena, evidenciou-se que a formação docente é distinta das padronizadas normalmente. A sala de aula na aldeia é um espaço aberto, por onde pais, demais crianças e adultos circulam livremente durante o período escolar. As turmas aprendem no mesmo espaço, como as extintas escolas multisseriadas (Figura 1).

Figura 1: Escola indígena.

Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora do projeto.



Em virtude disso, outro grande desafio do projeto era ensinar ciências e seus conceitos para crianças e jovens que têm como língua materna o guarani ou ensinar sobre temáticas relativas à luz, em locais onde a energia elétrica é quase inexistente.

Na primeira aula, os alunos do IFSC levaram o Datashow e os experimentos. Apresentaram os conceitos iniciais sobre luz, construíram com os alunos indígenas o disco de Newton, misturaram tintas, usaram lasers e luzes coloridas, as quais foram a atração da aula. O encontro durou cerca de duas horas (Figura 2). Neste espaço de tempo, uma das maiores dificuldades foi a tradução de certos conceitos físicos para o guarani.

Figura 2: Experiência com a luz.

Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora do projeto.



O segundo encontro ocorreu no câmpus do IFSC durante a Semana de Nacional de Ciência e Tecnologia de 2013, pois se tinha interesse em apresentar aos alunos indígenas outro espaço escolar. Essa opção foi sugerida pelo próprio professor indígena, pois o mesmo sentia a necessidade de seus alunos conhecerem o mundo fora dos limites da reserva. Após a apresentação de dança e canto do grupo indígena, os alunos do IFSC os levaram para o laboratório de informática e continuaram a explanação das temáticas relativas à luz.

Por fim, o semestre encerrou-se com o último encontro na reserva indígena, o qual foi conceitualmente diferente dos dois primeiros. Ao longo do projeto, percebeu-se a necessidade de material didático na escola indígena. Assim, o grupo executor do projeto de extensão comprou um planetário, mapas de biologia e história, ábaco e três jogos de ciências. Além disso, por meio de uma campanha de arrecadação, o grupo conseguiu cadernos, lápis, canetas, réguas, livros didáticos, jogos matemáticos, entre outros. Dessa forma, o último encontro foi destinado a ensinar o professor indígena e seus alunos a como utilizar os materiais, principalmente, os jogos de ciências.

Considerações finais

A partir da realização do projeto, os futuros docentes encontraram diversos obstáculos, os quais os auxiliarão na sua atuação quando formados. Em todo o processo foi necessário discutir em sala questões teóricas sobre educação, cultura e formação docente, pois o objetivo nunca foi somente o de levar o conhecimento científico ao grupo indígena. Sempre foi discutido que a própria comunidade possui seus conhecimentos, os quais não poderiam ser desqualificados ou ignorados.

Além disso, o conteúdo ministrado nas aulas envolveu temáticas relativas ao que os alunos do IFSC aprendem na sua grade curricular no Curso de Licenciatura. Os conhecimentos sobre luz foram apresentados aos alunos indígenas, além disso, discutiu-se a metodologia de ensino e didática trabalhados no âmbito acadêmico à comunidade indígena. Percebeu-se com o projeto que foi possível envolver o tripé ensino, pesquisa e extensão ao longo de sua execução.

Ademais, os alunos do IFSC tiveram que desenvolver estratégias de aprendizagem, as quais foram e são discutidas nas unidades curriculares do curso e, a partir disso, transformar o conhecimento e as pesquisas acadêmicas numa linguagem acessível ao grupo de alunos de características históricas e culturais distintas da maioria dos estudantes brasileiros.

Considera-se que o trabalho realizado foi exitoso e pretende-se continuá-lo. Por fim, conforme demanda indicada pelo professor indígena, os alunos participantes do projeto desenvolverão uma cartilha sobre a temática da luz, que depois de planejada, será elaborada à quatro mãos, com a participação dos alunos do IFSC e dos alunos indígenas e será bilíngue (Guarani-Português).

Com o auxílio de outros professores do IFSC – Araranguá, a partir de uma solicitação da aldeia, pretende-se criar um curso de costura e outro de informática para atender a comunidade indígena.

Este projeto nasceu da necessidade de transplantar as discussões acadêmicas para o mundo real, possibilitando o contato dos alunos de licenciatura com realidades muitas vezes esquecidas e relegadas na prática pedagógica.



Figura 3: Participantes do projeto “Ciências na Aldeia Indígena.”

Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora do projeto.